

ANTÔNIO VALDEMAR

por

Todo o ser humano é dotado de uma consciência moral que o faz distinguir o certo do errado, o justo do injusto e o bom do mau. Com isso consegue avaliar as suas ações, tornando-se capaz de ter ética. A ética é a ciência do dever, da obrigatoriedade, que rege a conduta humana, qualificando-a do ponto de vista do bem e do mal.

O futebol, na sua fase de formação, envolve inúmeros intervenientes que estabelecem

relações entre si. Atletas, treinadores, dirigentes, árbitros e os pais de atletas formam uma espécie de pentágono.

Cada um destes intervenientes encontra-se num lado específico do processo de formação dos jovens futebolistas, mas todos eles, cada um com os seus interesses específicos, unem-se numa figura geométrica onde as paixões, as emoções e valores culturais podem produzir relações eletrizantes.

Os interesses individuais de cada um destes intervenientes tem sido uma forte barreira na defesa da ética, uma vez que não tem sido fácil conciliar as visões de cada um

num todo, em defesa de valores fundamentais.

Os atletas acabam, por isso, por ser o mais fraco em toda esta dinâmica, já que se vêem prejudicados na formação por fatores culturais externos. Por seu turno, os pais são provavelmente o elo mais forte: os seus comportamentos podem ter uma grande influência positiva ou negativa.

Já os restantes intervenientes envolvidos neste pentágono, os treinadores, dirigentes e árbitros, são uma espécie de actores intermédios, mas que podem ser eles fundamentais na formação dos atletas, porque

estão mais próximos. No entanto, a sua intervenção pode também ser construtiva ou destrutiva, consoante a sua formação e valores culturais.

Em termos ideais, o desejável seria que cada um ocupasse o seu lugar. O atleta treinasse e jogasse num ambiente saudável, o treinador treinasse, o dirigente dirigisse, o árbitro apitasse e os pais apoiassem os filhos. Tudo isto numa relação de confiança e respeito entre todos os intervenientes. Porém, nem sempre esta relação é salutar.

Nesta reportagem procurámos dar a conhecer as várias faces deste pentágono.

PERGUNTAS AOS COORDENADORES

1-Os pais costumam intervir nas decisões dos treinadores?

2-Os pais costumam incentivar os filhos a trocarem de clube

porque não jogam?

3-Qual o relacionamento entre pais e coordenador?



ACÁCIO FERNANDES, COORDENADOR DO FC AMARES

2-Essas situações acontecem nos escalões mais jovens, pois a maioria dos pais coloca os filhos no futebol para desenvolverem também outras competências.

3-Tento estar sempre perto deles para perceber se estão a identificar-se com o que está a ser feito e se há alguma situação que tenha de ser resolvida.

1-É ponto assente que esse trabalho é do treinador, no entanto há sempre situações pontuais que temos de conseguir gerir.



LUÍS PEREIRA, COORDENADOR DO VILAVERDENSE FC

1-Existem muitas tentativas de interferências nas decisões técnicas e com tendência a aumentar. No Vilaverdense criámos uma barreira onde essas tentativas terminam no diálogo com o Director Geral da Formação.

2-É o maior obstáculo dos atletas, pois não têm a capacidade de perceber que não estão a jogar porque algo na sua postura não está bem.

Em vez de corrigir com o apoio dos pais, pensam que melhor solução é virar as costas e procurar outro clube.

3-As relações são por norma positivas, tendo por vezes contornos mais adversos, pois os pais vêem tudo de forma emocional e a coordenação tem de ter uma visão racional.



NUNO OLIVEIRA, COORDENADOR DO GD PRADO

1-Diz-me a experiência que consegues ou inconscientemente os pais tentam de uma forma ou de outra intervir, dar opinião, tentando por vezes influenciar as decisões dos treinadores para que os seus filhos joguem mais.

2-Essa é logo a primeira coisa que tanto pais e técnicos procuram fazer. Isso revela pouca maturidade,

pouco respeito pelo colega que está a jogar no lugar dele, mas, acima de tudo, revela que desistem à primeira contrariedade.

3-Procuro envolver-me com todos, dentro do respeito, sem nunca passar para a confiança excessiva, visto que isso acaba sempre por ser prejudicial para ambas as partes.